

O SIGNO IDEOLÓGICO “PISO” EM CAMPANHA ELEITORAL: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DISCURSIVO-DIALÓGICA

EL SIGNO IDEOLÓGICO "PISO" EN CAMPAÑA ELECTORAL: UNA PROPUESTA DE
ANÁLISIS DISCURSIVO-DIALÓGICA

THE IDEOLOGICAL SIGN "FLOOR" IN ELECTORAL CAMPAIGN: A PROPOSAL FOR
DISCUSSION-DIALOGICAL ANALYSIS

Vanessa Fonseca Barbosa*

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Tamiris Machado Gonçalves**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Andreza Mariane Teichmann***

Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul

RESUMO: Visando a compreender aspectos da produção, circulação e recepção do discurso, este estudo analisa os efeitos de sentido gerados pela utilização do signo ideológico *piso* por um candidato ao governo do Rio Grande do Sul nas eleições de 2014. Para tanto, ancora-se nos pressupostos bakhtinianos e estabelece uma interface com os trabalhos de Patrick Charaudeau, especificamente no que tange ao discurso político. Como resultados, apresenta-se um exemplo para demonstrar como pode ser realizada uma abordagem discursiva de análise de excertos linguísticos concretos, pertencentes a esferas de comunicação social reais. Essa proposta almeja ser um convite para levar o leitor a vislumbrar a possibilidade de um trabalho com língua portuguesa baseado no conceito de linguagem em uso, em que é promovido uma reflexão que contempla tanto aspectos linguísticos quanto sociais para se compreender os sentidos veiculados.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros discursivos. Signo ideológico. Discurso político.

RESUMEN: Buscando comprender los aspectos de la producción, circulación y recepción del discurso, este estudio examina los efectos de sentido generados por el uso del signo ideológico *piso* por parte de un candidato al gobierno de Rio Grande del Sur en las elecciones del año de 2014. Con ese fin, este texto está basado en la teoría de Bajtín en interfaz con el trabajo de Patrick Charaudeau

* Doutoranda em Letras/Linguística no PPGL da PUCRS. Bolsista CNPq. E-mail: vanessa.barbosa@acad.pucrs.br.

** Doutoranda em Letras/Linguística no PPGL da PUCRS. Bolsista CNPq. E-mail: mtamiris@gmail.com.

*** Mestre em Letras/Linguística no PPGL da PUCRS. Professora da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul (SEDUC/RS). E-mail: andrezateichmann@gmail.com.

(2006), especificamente respecto al discurso político. Como resultado, se presenta un ejemplo para demostrar cómo se puede llevar a cabo un abordaje discursivo de análisis de extractos lingüísticos concretos que pertenecen a situaciones reales de comunicación. Esta propuesta tiene como objetivo ser una invitación para que el lector pueda vislumbrar la posibilidad de un trabajo con la lengua portuguesa basado en el concepto de lenguaje en uso, en el que se promueve una reflexión que incluye tanto los aspectos lingüísticos como los sociales para que sea posible comprender los significados en circulación.

PALABRAS CLAVE: Géneros discursivos. Signo ideológico. Discurso político.

ABSTRACT: Aiming to understand aspects of the production, circulation and reception of the discourse, this study examines the effects of meaning generated by the use of the ideological sign “floor” by a candidate to the Rio Grande do Sul State government in the 2014 elections. Thus, this text is supported on Bakhtinian assumptions, and establishes an interface with the work of Patrick Charaudeau, specifically regarding the political discourse. As a result, an example to demonstrate how a discursive approach can be carried out from the analysis of concrete linguistic extracts belonging to actual media spheres is presented. This proposal aims to be an invitation to get the reader to glimpse the possibility of research with the Portuguese language based on the concept of language in use, where a reflection that includes both linguistic and social aspects to understand the meanings conveyed is promoted.

KEYWORDS: Discursive genres. Ideological sign. Political discourse.

1 INTRODUÇÃO

Conforme postula a perspectiva bakhtiniana (BAKHTIN, 2010 [1975], p.88), “[...] o discurso nasce no diálogo com sua réplica viva”, o que significa que, em sua própria produção, há uma orientação em relação ao discurso do outro, observada tanto no objeto do dizer quanto nas respostas a dizeres passados ou antecipações de dizeres futuros. Essas particularidades colocam-no como um centro de valores, cuja inter-relação com outros discursos revela posições axiológicas assumidas pelo locutor localizado sócio-historicamente.

Compreender a constituição dialógica do discurso e os seus efeitos de sentidos é uma das atribuições dos estudos da linguagem que, sob uma perspectiva discursiva, voltam-se a discursos em circulação na sociedade. Se os discursos, em geral, possuem especificidades, dependendo do gênero e da esfera em que se materializam, o discurso político, em particular, apresenta características variadas que suscitam diferentes ponderações.

Para Charaudeau (2006, p.8), “[...] o discurso político é, por excelência, o lugar de um jogo de máscaras”, e toda palavra enunciada nesse campo “[...] deve ser tomada ao mesmo tempo pelo que ela diz e não diz”. Nessa perspectiva, para ler o discurso político, é necessário, pois, adentrar nos sentidos construídos entre o discurso e o contexto em que ele aparece. O autor observa ainda a estreita relação entre o discurso político e o midiático, destacando a variação do sistema de influências em conformidade com os pontos de vista focalizados.

O discurso da instância midiática encontra-se entre um enfoque de cooptação e de credibilidade. O primeiro busca dramatizar os acontecimentos para ganhar fidelidade do público; o segundo, “[...] capturar o que está escondido sob as declarações dos políticos [...], interpelar e mesmo acusar os poderes públicos para justificar seu lugar na construção da opinião pública” (CHARAUDEAU, 2006, p.63). Nesse jogo entre o político e o midiático, faz-se necessário problematizar os discursos políticos veiculados na mídia, percebendo pontos de vista, relações dialógicas, jogos de máscaras e estratégias comunicativas, que interferem na construção dos sentidos. A compreensão de tais discursos passa por uma reflexão sobre o contexto de produção, circulação e recepção, considerando aspectos de um dado tempo histórico. Nesse contexto, o discurso político torna-se um importante objeto de análise, tendo em vista a criticidade que pode ser estimulada a partir das discussões advindas dele no sentido de fomentar a reflexão sobre a política em espectro amplo, como uma condição para exercer a cidadania.

Especificamente em período de eleições, além da propaganda eleitoral gratuita, transmitida em diferentes mídias, há debates em que os candidatos expõem seus planos de candidatura. Esse cenário não foi diferente nas eleições para o governo do estado do Rio

Grande do Sul no ano de 2014. Dentre os espaços de discussão promovidos, o *Portal Terra* fez entrevistas com os candidatos. A entrevista com José Ivo Sartori, realizada no dia 20 de outubro de 2014, seis dias antes das eleições, gerou uma série de discussões a partir da resposta do político sobre a seguinte questão levantada: “Como ficaria o piso salarial dos professores gaúchos?”. Ao fazer referência ao piso dos professores, Sartori vale-se de entoação irônica, fazendo emergir diferentes discursos que demonstram o embate de vozes sociais, instaurando uma polêmica quanto a sua postura e aos posicionamentos dos eleitores.

Considerando a tensão de vozes que reverberou em enunciados-resposta advindos dessa situação, este trabalho tem o objetivo de apresentar uma análise dialógica do signo ideológico *piso* no contexto da fala de Sartori e refletir acerca de sua repercussão em enunciados-resposta, visando a compreender aspectos da produção, circulação e recepção desse discurso. Para tanto, estabelece-se diálogo com os estudos de Charaudeau (2006), no que tange às ponderações sobre o discurso político. Como procedimentos teórico-metodológicos, este estudo se ancora na perspectiva enunciativo-discursiva da linguagem, tal como desenvolvida pelos pressupostos de Bakhtin (2011 [1926], 2009 [1929], 2010 [1975], 2011 [1952]), sobretudo no que diz respeito aos conceitos de *dialogismo*, *signo ideológico*, *enunciado*, *acento de valor* e *gêneros do discurso*, noções requeridas quando se almeja pensar a construção dos sentidos em torno de determinado fato social.

2 O DISCURSO EM PERSPECTIVA DIALÓGICA

O conceito de diálogo perpassa a obra do Círculo de Bakhtin, um grupo constituído por intelectuais de formações e interesses distintos que, de 1919 a 1929, reuniu-se na Rússia para refletir acerca de questões variadas, dentre as quais se destaca o debate acerca da paixão pela linguagem. Para a teoria bakhtiniana, porém, a noção de diálogo é compreendida em termos amplos, pois diálogo é entendido como a tensão existente em toda a enunciação. Essa relação de tensão advém das múltiplas vozes que a enunciação carrega – por ser povoada de já-ditos – e promove – em razão de projetar outros discursos. Assim, diz-se que o enunciado é dialógico porque na totalidade concreta e viva da enunciação existem relações dialógicas de sentido entre enunciados que movimentam a dinâmica desse processo. Isso significa que a dialogização é um princípio da linguagem que implica a palavra do *outro* contida nos discursos do *eu* (DI FANTI, 2009, p.80).

Em um enunciado, é possível se ouvir, pelo menos, duas vozes. Ainda que essas não se manifestem ao longo do discurso, elas estão presentes, revelando duas posições: uma em relação ao que é dito e outra em oposição ao que se está dizendo. Além disso, há uma multidão de fios discursivos em todo dizer. Esses fios são as ressonâncias de outros discursos que permeiam a sociedade e são, de alguma forma, considerados nos discursos do *eu*. Assim, na teoria bakhtiniana, *diálogo* não significa solução de conflitos nem se refere apenas à forma composicional de interação face a face, mas sim faz referência aos movimentos de desacordo, de conciliação, de luta com o discurso alheio; de aceitação ou de recusa ao discurso do *outro*, próprios de todo o enunciado.

É devido ao dialogismo que o discurso – esse fenômeno social multifacetado, complexo, que nasce da interação – constitui-se de já-ditos e, ao mesmo tempo, dá lugar à atitude ativa de resposta de outro sujeito. Conforme as ideias de Bakhtin, desenvolvidas em o *Dicionário de Enunciação*, “todo discurso responde a outros dizeres e, por conseguinte, é tecido heterogeneamente por uma diversidade de vozes (posições sociais, pontos de vista) mais ou menos aparentes [...]. O discurso [...] configura-se a partir de um entrelaçamento de interações sociais complexas [...]” (DI FANTI, 2009, p. 84).

Nessa perspectiva, é por meio da interação que a linguagem se constrói. Os intercâmbios sociais – interpessoais e interdiscursivos – geram vozes em tensão, que vão constituir os sentidos em circulação. Assim, a comunicação se dá entre sujeitos social e historicamente situados, que precisam identificar essas vozes para compreender os sentidos produzidos em determinados contextos, em condições específicas de interação. É também nessa relação de interação que o próprio sujeito edifica sua subjetividade. Dessa forma, é possível afirmar que o dialogismo caracteriza-se como princípio formador dos sujeitos, do discurso, da linguagem e dos sentidos.

Observar a linguagem vinculada ao sujeito foi o diferencial do Círculo, já que devido ao pensamento científico do início do século XX, os estudos da linguagem costumavam ser apartados da noção de sociedade. O viés positivista do final do século XIX até meados

do XX tinha como perspectiva a noção de ciência dura, em que o recorte de estudo deveria ser estável e homogêneo. Como a sociedade é heterogênea e morada da variedade, as propostas recortavam seus objetos de estudo de modo a retirar o caráter social do método investigativo, abstraindo do objeto sua heterogeneidade.

Por valorizar a enunciação e reafirmar seu traço social, a teoria de Bakhtin e seu Círculo apresenta-se como uma possibilidade de pensar a linguagem sob a perspectiva do método sociológico, uma proposta diferente dos métodos de sua época. Voloshinov¹ (2011 [1926], p. 154), em *A Palavra na vida e na poesia: introdução ao problema da poética sociológica*, explica que o viés sociológico possibilita explicações sobre a linguagem porque esta é produto da criatividade humana. Assim sendo, a abordagem de seus fenômenos pode partir de um olhar social.

No livro citado, Voloshinov visa a tratar do enunciado poético. Para tanto, entende que é necessário discutir enunciados cotidianos, porque na fala não artística a essência do discurso aparece em conexão com seu meio social circundante. Essa explicação dada pelo autor dá lugar a discussão de que na vida o discurso verbal não é autossuficiente, pois depende de questões sociais para ter os sentidos instaurados. Como o discurso surge de uma situação extraverbal, convém observá-lo em meio a essa situação, a fim de que o pesquisador possa perceber mais do que forma, e sim os juízos de valor que renovam o aspecto reiterável da palavra.

Isto significa dizer que é necessário, de um ponto de vista dialógico-discursivo, como é o oferecido pelos postulados bakhtinianos, atentar para toda a informação que circunda o discurso e o carrega valorativamente, preenchendo o dado – elemento linguístico compartilhado por uma sociedade – e apresentando o novo – as nuances de sentido emergidas da situação enunciativa erguida em um tempo e espaço definidos. Nesses termos, a teoria defende que tanto o linguístico quando o gestual compõem o sentido. Além disso, questões como a proximidade entre os falantes, valores filosóficos, visões de mundo, tudo pode ser fator constituinte dos sentidos em circulação em uma dada situação.

Nessa perspectiva, Voloshinov (2011 [1926], p. 157) expõe que a enunciação é composta de uma parte linguística e outra extraverbal. Para a extraverbal, o autor russo admite três aspectos: 1) o *horizonte social compartilhado pelos falantes*, isto é, a dimensão social em que foi produzida a enunciação e em que se encontram os participantes; 2) o *conhecimento* e a *compreensão comum da situação*; e 3) a *valoração compartilhada*, isso significa dizer que os participantes reconhecem o juízo de valor social do enunciado (VOLOSHINOV, [1926] 2011, p.156). Essa valoração característica é entendida pelo Círculo como o aspecto axiológico da linguagem, é a carga emotivo-volitiva que o enunciado comporta.

A situação extraverbal é parte integrante da enunciação; ela é condição para sua realização semântica (VOLOSHINOV, 2011 [1926], p. 157). Justamente porque a enunciação edifica-se socialmente é que o método sociológico faz-se necessário para garantir que as análises não se restrinjam aos aspectos linguísticos, pois esses, isoladamente, não são capazes de dar o valor da enunciação, isto é, de apontar as possibilidades de sentido que se constroem somente sobre aquelas circunstâncias, com aqueles sujeitos discursivos e a partir das relações interpessoais que eles mantêm. A valoração de uma enunciação é, assim, seu caráter axiológico dado pela relação entre elementos verbais, não verbais e as circunstâncias.

O aspecto axiológico da linguagem é uma construção social. A condição de que a enunciação apresenta o dado e o novo é possível porque, para a teoria bakhtiniana, o signo reúne em si essas duas faces: o elemento linguístico socialmente compartilhado e a criação que possibilita a atualização do signo na situação comunicativa em que ele aparece. Precisamente por assumir que na concepção do signo há o caráter ideológico – leia-se axiológico –, é que o signo bakhtiniano é chamado de *signo ideológico*.

Como a teoria tem base sociológica, o aspecto social é imprescindível para os sentidos que o signo ideológico carrega. Grupos sociais fazem uso de determinados gêneros discursivos e os signos que neles aparecem vão desenvolvendo um *valor particular*, após adentrarem determinado *horizonte social*. Assim, diz-se que é o meio social que possibilita a atualização do signo em *signo ideológico*, com índices de valor compartilhados. Bakhtin/Volochínov² (2009 [1929], p.46, grifos no original) explica que:

¹ Ao longo do artigo, o nome Voloshinov aparece com diferentes grafias porque respeita-se a ortografia do volume consultado.

² Neste trabalho, não entramos na questão da autoria dos textos ditos disputados. Assim sendo, utilizamos os nomes conforme constam nas edições consultadas.

Para que o objeto, pertencente a qualquer esfera da realidade, entre no horizonte social do grupo e desencadeie uma reação semiótica-ideológica, é indispensável que ele esteja ligado às condições socioeconômicas essenciais do referido grupo, que concerne de alguma maneira às bases de sua existência material. Evidentemente, o arbítrio individual não poderia desempenhar aqui papel algum, já que o signo se cria entre indivíduos, no meio social; é portanto indispensável que o objeto adquira uma significação interindividual; somente então é que ele poderá ocasionar a formação de um signo. Em outras palavras, *não pode entrar no domínio da ideologia, tomar forma e deitar aí raízes senão aquilo que adquiriu um valor social.*

As discussões do Círculo chocam-se com as correntes linguísticas de sua época, sobretudo aquelas denominadas pelos estudiosos russos como *objetivismo abstrato* e *subjetivismo idealista*. Em *Marxismo e filosofia da linguagem* (2009 [1929], p. 71-113), são apresentados, na ótica do Grupo, cada um desses vieses teóricos. O pensamento intitulado pelo Círculo como *objetivismo abstrato*, representado por Ferdinand de Saussure, diz respeito à constituição do sistema linguístico como “[...] fato objetivo externo à consciência individual e independente desta” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, [2009 [1929], p. 93). Diferentemente, para Bakhtin, um sistema de normas sociais só existe “[...] relacionado à consciência subjetiva dos indivíduos que participam da coletividade regida por essas normas.” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2009 [1929], p. 94). Outra questão divergente é a ideia de que os diferentes contextos propícios ao surgimento de uma palavra estão em um mesmo e único plano, o que daria origem a enunciações fechadas que, com significado próprio, apontariam para uma mesma direção (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2009 [1929], p.110).

A discordância, assim, ocorre devido à possibilidade da existência de contextos opostos para uma única e mesma palavra. Assim, a mudança do acento avaliativo da palavra em função da situação enunciativa não é considerada pela linguística praticada pelo objetivismo abstrato. Para o Círculo, o contexto forma – a partir da situação de interação que existe entre sujeitos e também entre discursos – um conflito tenso e ininterrupto. Bakhtin/Volochínov argumenta que “[...] uma mesma e única palavra pode aparecer em contextos mutuamente conflitantes” (2009 [1929], p.110) e seus sentidos são aqueles ligados ao tempo histórico da enunciação produzida por sujeitos situados em determinada esfera discursiva. Toda a sua valoração advém dessa dinâmica que envolve o conteúdo linguístico em sua relação com o horizonte social compartilhado, o conhecimento e a compreensão comum da situação e a valoração compartilhada.

Já para o *subjetivismo idealista*, a língua é uma atividade de criação individual, que se materializa através do ato de fala. Segundo essa orientação, “[...] a língua constitui um fluxo ininterrupto de atos de fala, onde nada permanece estável, nada conserva sua identidade” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, [1929], p. 79). O ponto central da reflexão sobre a língua, nessa abordagem, consolida-se na enunciação monológica isolada, no ato psicológico de sua produção. Fatores que o Círculo critica, elucidando que a linguagem é constituída pelo fenômeno social da interação, realizado por meio das enunciações. Wilhelm Humboldt, segundo o Círculo, foi o autor que motivou as ideias dessa corrente de pensamento.

A apresentação da enunciação como um ato puramente individual, como expressão da consciência do locutor, vai de encontro com a visão do Círculo, que a sustenta não como uma atividade individual, mas como um produto histórico-cultural da humanidade: “[...] o centro organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009 [1929], p. 125). Outro argumento em defesa desse ponto de vista é que a própria consciência é social, uma vez que o sujeito forma-se a partir da interação, na pluralidade e na diversidade; por meio da alteridade, na intercomunicação com o *outro*. Sem determinismos (o sujeito não é apenas fruto do meio); a teoria bakhtiniana requer um sujeito dialógico: em permanente diálogo com o *outro*; com o meio social em que está inserido.

Constituindo, então, outra via de reflexão para compreender os fenômenos linguísticos, o Círculo propõe entender que a linguagem é dinâmica e nutre-se do contínuo desenvolvimento social. A partir dos intercursos comunicativos, as mais diferentes enunciações são produzidas, encadeadas em movimentos de resposta a já-ditos e projeção de discursos futuros; possibilitando que cada enunciação seja um *elo na cadeia discursiva* (BAKHTIN 2011 [1952], p. 296). Dessa maneira, o Círculo aponta que o enunciado não pode ser visto como algo fechado, pronto na língua ou próprio do indivíduo, mas decorrente do processo de interação entre sujeitos (e entre enunciados), haja vista que a relação de alteridade entre o *eu* e o *outro* é que torna possível o princípio do dialogismo.

Na teoria bakhtiniana, tem-se o sujeito responsável e responsivo em suas interações nas diferentes esferas de atuação. No que tange à linguagem, isso significa dizer que o sujeito, em um movimento dialógico, responde a enunciados alheios e projeta a possibilidade de resposta em seu discurso. Nesse sentido, o Círculo enfatiza que toda compreensão é prenhe de resposta. De maneira presencial ou de forma presumida, “[...] cedo ou tarde o que foi ouvido e compreendido de modo ativo encontrará um eco no discurso ou no comportamento subsequente do ouvinte” (BAKHTIN, 2011 [1952], p. 272), dando condições ao permanente diálogo.

A percepção de que a criação de um enunciado pressupõe, no mínimo, dois seres, um falante e outro ouvinte, justifica o fato de toda expressão enunciada ser sempre criada em vista do *outro*. Assim, a presença física ou pressuposta dos *outros* com quem os indivíduos interagem é denominada pelo Círculo como *auditório*. Na vida social, todo discurso é pensado em torno de um auditório específico; fala-se para alguém; o *tu* está sempre projetado³ seja no diálogo entre duas pessoas ou no diálogo interior em que o *eu* faz as vezes do *eu* e do *tu* – o *outro*. Essa fala ocorre imersa em um processo dinâmico, inter-relacionado a aspectos sociais, históricos e culturais que compõem modos de interação discursiva entre sujeitos situados em determinadas esferas de atuação. Nessas esferas, circulam produções discursivas características, isto é, em cada esfera de interação humana circulam determinados gêneros do discurso.

A reflexão bakhtiniana sobre os gêneros do discurso considera a linguagem e os contextos histórico e social, com intuito de compreender a natureza sociocultural no uso da língua de modo geral. Assim, os gêneros são os meios pelos quais os enunciados se materializam diante da multiplicidade de fatores que constituem a linguagem. O uso da linguagem, realizado em forma de enunciados orais ou escritos, abrange todos os diferentes campos da interação humana. Como as formas desse uso são distintas, os enunciados têm a capacidade de refletir e refratar as condições e as finalidades desse uso.

Assim, o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional, elementos constitutivos dos gêneros discursivos, estão alinhados à situação social e são determinados pelas condições que regem os usos específicos de determinados campos da atividade humana. Conforme Bakhtin, ainda que cada enunciado particular seja individual, os campos de utilização da língua “[...] elaboram seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais são denominados gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2011 [1952], p. 262, grifo do autor).

Nesse sentido, dizer que os gêneros discursivos são tipos relativamente estáveis de enunciados é atentar para a natureza heterogênea da comunicação discursiva e, ao mesmo tempo, da coerção da língua. Com efeito, os campos da atuação humana, nas mais variadas esferas discursivas, tratam de uma infinidade de temas que podem ser envoltos nos mais diversos estilos e estruturas composicionais. Assim, existe uma riqueza de gêneros porque são inesgotáveis as formas de interação social; ademais, as relações sociais mudam e se complexificam ao longo da história, originando o aparecimento de gêneros discursivos.

Sobral (2009) explica que essa mutabilidade acontece meio à estabilidade que o ambiente sócio-histórico cristalizou como formas para determinadas situações discursivas. Nessa perspectiva, o caráter normativo do gênero existe para que não seja preciso inventar modelos a cada vez que se comunicar algo. Assim, cada esfera de discurso, de modo relativamente estável, possui normas de formação para os discursos que nela circulam, mas como os modos de interagir mudam de acordo com o auditório, a situação enunciativa e o passar dos tempos, também os gêneros têm essa flexibilidade. Como os gêneros encontram-se no âmbito discursivo, a mudança – reinvenção, adaptação – é característica, pois cada enunciado é único. Na compreensão do Círculo, aprender a falar é aprender a construir enunciados, e esses enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas de construção do todo (BAKHTIN, 2011 [1952]).

Fiorin (2008), comentando as ideias do Círculo, observa que o sentido do gênero só ocorre quando é perceptível a correlação entre forma e atividade, uma vez que o gênero não é um conjunto isolado de propriedades formais de uma esfera de ação, ao contrário, os gêneros são meios de apreender a realidade. Dessa forma, o surgimento de novos gêneros e a alteração dos já existentes ocorre a partir dos novos modos de ver e conceitualizar a realidade.

³ Não se está discutindo a adequação ou inadequação desse auditório idealizado no momento de planejar o que se irá discutir, essas questões entram tanto no julgamento do gênero quanto do próprio estilo e é verdade que há vezes em que há discrepância entre o auditório presumido, o gênero em que se está atuando e a situação enunciativa que compõem toda a atividade discursiva – como se irá notar na análise deste trabalho.

Dos elementos que constituem os gêneros discursivos, o conteúdo temático ou tema compreende o domínio de sentido do qual trata o gênero, não se confunde com assunto por ser mais amplo. O tema está relacionado ao objeto de que se fala (essa noção aparece na teoria bakhtiniana também como *herói*). Em uma segunda concepção para o termo *tema*, na teoria bakhtiniana, diz-se que: denomina-se tema os sentidos construídos pelo todo enunciativo, haja vista que sua formação advém dos elementos reiteráveis (linguísticos) e os não reiteráveis, isto é, aqueles proporcionados pela situação enunciativa. Não se deve, pois, confundir as duas noções (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV [1929] 2009).

O conteúdo temático está relacionado ao momento histórico da enunciação, à sua interação discursiva concreta entre sujeitos situados culturalmente e também à significação que os elementos linguísticos idênticos carregam. Na comunicação concreta e viva, o conteúdo temático aparece entre acentos de valor distintos. Isso porque na enunciação tudo o que é dito está atravessado por juízos de valor que compõem os enunciados. Como para o Círculo a enunciação compreende uma *orientação apreciativa* (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV 2009 [1929]), “[...] a evolução semântica na língua é sempre ligada à evolução do horizonte social apreciativo de um dado grupo social” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV 2009 [1929], p. 141). Assim, os sentidos também têm base social, estão amparados nas construções discursivas socialmente estabelecidas ao longo da história das interações de sujeitos inseridos em determinada cultura.

A estrutura composicional, outro elemento constitutivo dos gêneros discursivos, refere-se ao modo de organização dos elementos, cuja forma mostra a estrutura própria de cada gênero discursivo. Essa forma é mutável e variável nos limites coercitivos do próprio gênero. O estilo pode ser compreendido em dois níveis diferentes: o estilo do gênero e o estilo do locutor. Em ambos os casos, estilo refere-se ao modo como o tema será tratado, isto é, representa os graus de formalidade e valoração do conteúdo verboideológico. É uma seleção de meios linguísticos e enunciativos em função da imagem do interlocutor e de como se presume a compreensão responsivo-ativa do enunciado.

Como os gêneros do discurso são *tipos relativamente estáveis de enunciados*, tudo o que se refere ao enunciado refere-se também ao gênero. Assim sendo, no ensaio intitulado *Os gêneros do discurso*, Bakhtin equivale, muitas vezes, essas noções. É mencionado que a unidade real da linguagem é o enunciado por todas as características que carrega, dentre elas estão: a) a *alternância dos sujeitos*, noção que faz referência ao início e ao fim absolutos de todo o enunciado; b) a *conclusibilidade específica*, isto é, o acabamento necessário à compreensão do outro, o acabamento relativo que possibilita a atitude responsiva ativa do outro; e c) a *relação do locutor consigo e com os demais parceiros da comunicação discursiva*, ou seja, a natureza dessa relação que interfere diretamente na constituição e no desenvolvimento do enunciado.

Sobre a conclusibilidade específica do enunciado cabe destacar também que é um aspecto da alternância dos sujeitos e sua configuração requer uma inteireza temática que dê conta: a) da exauribilidade do objeto e do sentido; b) da vontade de discurso do falante; e c) das formas típicas composicionais e de acabamento do gênero. Assim, diante da imensidão de determinado tema, o sujeito, a depender de sua vontade discursiva, isto é, do que ele quer enunciar, dá determinado acabamento ao seu discurso, nos limites composicionais de determinado gênero, o que permite ao seu interlocutor uma atitude responsiva. De acordo com Bakhtin (2011 [1952], p. 280), “[...] é essa inteireza acabada do enunciado que assegura a resposta”. O interlocutor necessita compreender um todo significativo para sobre ele ter alguma atitude responsiva.

Diante das considerações traçadas, destaca-se que a teoria bakhtiniana possibilita compreender a linguagem como um importante espaço de constituição intra e interindividual, em que os efeitos de sentido edificam-se por meio das relações humanas. Espera-se, ademais, contribuir para o entendimento da linguagem como algo que não se encerra em si mesmo, mas que depende de diversos elementos e fatores também extralinguísticos para o estabelecimento do plural processo de instauração de sentidos. Na próxima seção, discorrer-se-á sobre o discurso político na compreensão de Patrick Charaudeau, a qual muito se aproxima e bem dialoga com as definições bakhtinianas.

2 O DISCURSO POLÍTICO NA PERSPECTIVA DE CHARAUDEAU

Esta seção trata do entendimento de Patrick Charaudeau acerca do discurso político, considerando as questões levantadas pelo autor na obra *O Discurso Político*, com vistas a demonstrar não só as considerações do autor para a temática em foco mas também sublinhar o quanto elas se aproximam de um olhar dialógico sobre a linguagem. Esse fato permite a interface entre os estudos de Charaudeau e os dos autores do Círculo de Bakhtin para a realização deste trabalho.

Com esse diálogo teórico-metodológico, busca-se atingir o objetivo geral desta pesquisa, que é apresentar uma análise discursiva do signo ideológico *piso* no contexto da fala de Sartori e refletir acerca da sua repercussão em enunciados-resposta, visando a compreender aspectos da produção, circulação e recepção desse discurso político. Para tanto, neste item, aborda-se a definição de *discurso político* e de *palavra política* no espaço social, bem como as ponderações sobre o estudo do discurso político na perspectiva do linguista francês.

No começo da obra mencionada, Charaudeau traz quatro questões que são importantes para definir o que se entende por discurso político: trata-se dos discursos produzidos no campo da política? Da política enquanto discurso? Mas, então, a política seria apenas discurso? E a ação política seria secundária em relação ao discurso ou constituiria, ao contrário, a base política na qual o discurso seria implantado? (CHARAUDEAU, 2006, p. 15). Para respondê-las, o linguista menciona, primeiramente, o fato de que muitas disciplinas têm analisado o fenômeno político, mas nenhuma esgotou esse objeto, dada a sua multiplicidade e complexidade. Depois disso, ele destaca que um linguista do discurso não pode deixar de ponderar sobre o fato de que a linguagem não tem sentido *a priori*, de modo isolado, mas sim que ela tem sentido se for considerada em um dado contexto psicológico e social. Em consequência, os procedimentos de sua análise precisam ser necessariamente relacionados a conceitos e categorias advindos de outras disciplinas humanas e sociais. Já nessas considerações do autor pode-se encontrar proximidade com os pressupostos bakhtinianos, para os quais, como demonstrado na seção anterior, importa a observância de uma linguagem real, advinda do uso.

Nas palavras do autor francês, trabalhar com o discurso político, implica “[...] tomar uma posição quanto às relações entre *linguagem, ação, poder e verdade*” que estão sempre em jogo quando se trata da própria natureza desse discurso. Cabe ao analista, em primeiro lugar, questionar-se sobre a natureza e o funcionamento da *palavra política*, a qual “[...] se inscreve em uma prática social, circula em certo espaço público e tem qualquer coisa que ver com as relações de poder que aí se instauram” (CHARAUDEAU, 2006, p. 16, grifos do autor). Ele afirma, ainda, que linguagem e ação constituem os componentes da troca social que, embora tenham autonomia individualmente, possuem uma relação de interdependência que se dá na reciprocidade e assimetria. Ademais, para o autor, há um *princípio de alteridade* que circunscreve toda a prática linguageira. Nessas colocações, novamente é possível vislumbrar a proximidade entre os estudos de Charaudeau e os do Círculo de Bakhtin, pois todos consideram a língua e a linguagem nesse intercâmbio entre o *eu* e o *outro*, que edifica e (trans)forma todo o ato linguageiro.

Charaudeau afirma que nessa relação de alteridade o sujeito não cansa de tentar trazer a si o outro, através do que denomina de um *princípio de influência*, isto é, utiliza-se de todos os mecanismos linguísticos e não linguísticos para influenciar o outro a pensar, dizer e agir segundo a intenção do *eu*. No entanto, destaca o autor que o *outro* também pode ter ele mesmo o seu princípio de influência e, nesse caso, os dois terão de administrar a sua relação através de um *princípio de regulação* a fim de evitar conflitos, pois, desde que seja reconhecido pelo parceiro da comunicação, o princípio de influência adquire certo poder sobre a ação, uma vez que instaura tanto um sujeito-alvo/dominado quanto um sujeito de autoridade/dominante, situados ambos em uma relação de poder. Assim sendo, “[...] todo o ato de linguagem está ligado à ação mediante relações de força que os sujeitos mantêm entre si, relações de força que constroem simultaneamente o vínculo social” (CHARAUDEAU, 2006, p.17).

Nessa perspectiva, Charaudeau destaca que há duas instâncias diretamente implicadas na ação política: a *instância política* e a *instância cidadã*. A primeira delas “[...] é delegada e assume a realização da ação política” (CHARAUDEAU, 2006, p.18), age em função de um *possível*; já a segunda “[...] está na origem da escolha dos representantes do poder, os quais são eleitos para realizar o *desejável*” (CHARAUDEAU, 2006, p.19). Assim, nasce um difícil exercício do poder político, o qual tem de ditar uma lei e sancioná-la, sempre buscando se assegurar do consentimento da instância cidadã. E o espaço de discussão em que ocorrem os debates de

valores desses universos corresponde a um *espaço de persuasão*, no qual cabe à instância política jogar com argumentos da razão e da paixão para tentar fazer com que a instância cidadã vá aderir a sua ação (CHARAUDEAU, 2006, p. 19).

A definição de valores corresponde às ideias que são defendidas e a palavra ganha grande importância nesse jogo, tendo em vista que:

O governo da palavra não é tudo na política, mas a política não pode agir sem a palavra: a palavra intervém no *espaço de discussão* para que sejam definidos o ideal dos fins e meios da ação política; a palavra intervém no *espaço de ação* para que sejam organizadas e coordenadas a distribuição das tarefas e a promulgação das leis, regras e decisões de todas as ordens; a palavra intervém no *espaço de persuasão* para que a instância política possa convencer a instância cidadã dos fundamentos de seu programa e das decisões que ela toma ao gerir conflitos de opinião em seu proveito. (CHARAUDEAU, 2006, p. 21, grifos no original).

É possível perceber nos pressupostos de Charaudeau, tal como nos bakhtinianos, que a palavra tem grande importância e não pode ser tomada sob um ponto de vista exclusivamente linguístico, no sentido estrito do termo, mas sim como elemento ideológico dotado de capacidade de edificação das relações sociais nos mais diversos contextos, tal como os que se instauram na esfera política.

Nesse viés teórico-metodológico, Charaudeau defende uma acepção de poder político que é resultante dialeticamente de dois elementos da atividade humana: o *debate de ideias* no amplo espaço do público em que se trocam distintas opiniões, e o *fazer político*, que se dá em um campo mais restrito do espaço político, por meio do qual as decisões são tomadas e os atos instituídos. Ambos os campos se legitimam em uma relação de reciprocidade e se definem a partir de “[...] relações de força que exigem processos de regulação, que se desenvolvem segundo um jogo de dominação que lhe é próprio. Cada um o faz misturando linguagem e ação: no primeiro é a linguagem que domina, no segundo, a ação” (CHARAUDEAU, 2006, p. 23).

Isso significa que no debate de ideias está o espaço da luta discursiva, a qual possibilita inúmeros golpes (manipulação, proselitismos, ameaças/promessas etc.), ao passo que no campo do fazer político é exercido o poder de ação entre uma instância política e outra cidadã, constituindo o maior desafio: o exercício de uma *autoridade*. Nesse entremeio, o que se vê é a linguagem fundindo-se com a ação e com a palavra política, a qual é *cheia de armadilhas*, na opinião de Charaudeau, pois tem de atuar em uma fronteira entre não revelar a totalidade de seus projetos e objetivos de ação e não perder a visão nesse “[...] jogo de máscaras da ação pelo discurso [que] é limitado por uma ética da responsabilidade” (CHARAUDEAU, 2006, p. 23). Assim sendo, a palavra política se debate entre uma *verdade do dizer* e uma *verdade do fazer*, uma verdade da ação manifestada através “[...] de uma palavra de decisão e uma verdade da discussão que se manifesta mediante uma palavra de persuasão (ordem da razão) e/ou de sedução (ordem da paixão)” (CHARAUDEAU, 2006, p. 23).

Quando trata dos lugares de fabricação do discurso, o autor destaca que ele pode ocorrer em diferentes espaços e que “[...] não é, portanto, o discurso que é político, mas a situação de comunicação que assim o torna” (CHARAUDEAU, 2006, p. 40). O autor afirma também que o discurso político enquanto um *sistema de pensamento* é produto de uma “[...] atividade discursiva que procura fundar um ideal político em função de certos princípios que devem servir de referência para a construção de opiniões e dos posicionamentos” (CHARAUDEAU, 2006, p. 40).

Há ainda, segundo o autor, o discurso político como *ato de comunicação* e como *comentário*; no primeiro, ele está relacionado aos atores da cena comunicativa que estão interessados em influenciar as opiniões de seus prováveis eleitores; já o segundo (*discurso político como comentário*) não está situado no campo de ação da política e diz respeito a um discurso sobre o político, “[...] ele pode ser revelador da opinião do sujeito que comenta, mas sem que se saiba necessariamente qual é o seu grau de engajamento em relação àquela” (CHARAUDEAU, 2006, p. 40).

Após expostos os pressupostos do linguista francês que dialogarão com os dos pensadores russos neste trabalho, na sequência, está uma proposta de análise para o objeto deste artigo, o qual é constituído a partir do gênero entrevista política⁴ de um dos candidatos a governador do estado do Rio Grande do Sul, no ano de 2014, especificamente quando da utilização do signo ideológico “piso”.

3 O SIGNO IDEOLÓGICO PISO: DISCURSO POLÍTICO EM FOCO

Em uma entrevista concedida ao *Portal Terra* no dia 20 de outubro de 2014, José Ivo Sartori, então candidato ao governo do estado do Rio Grande do Sul pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), responde a diversas questões propostas por jornalistas. O programa tem duração de cerca de sessenta minutos e, no decorrer da entrevista, Sartori discorre sobre temas diversos, tais como pesquisas eleitorais, experiência política e propostas de governo no que tange à saúde, à economia, à segurança etc.

De modo geral, as eleições para representantes políticos costumam se caracterizar por momentos (in)tenso de debate e exposição de conflitos não só entre os candidatos como também, e principalmente, entre os eleitores que se posicionam quanto às propostas de campanha expostas durante todo o período eleitoral, tendo em vista que “[...] a política é um campo de batalha em que se trava uma guerra simbólica para estabelecer relações de dominação ou pactos de convenção” (CHARAUDEAU, 2006, p. 46). Nessa perspectiva, a entrevista mencionada ficou conhecida justamente por marcar um desses momentos de conflito, a partir da repercussão que teve na mídia brasileira pelo debate que gerou entre os eleitores gaúchos quanto à resposta dada por Sartori quando falava sobre propostas para a educação no estado do Rio Grande do Sul (RS).

Na entrevista, há uma passagem que se refere ao pagamento do piso dos professores gaúchos. Especificamente esse trecho será objeto de análise deste artigo. Entenda-se o contexto: o candidato, ao responder sobre seus projetos eleitorais para a educação, menciona o seu compromisso com o referido ponto de pauta e, para ratificar seu posicionamento, afirma ter ido ao Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul (CPERS), recusando-se a assinar um documento cuja denominação não vinha à sua memória no momento da entrevista aos representantes do *Portal Terra*. Então, José Ivo enuncia: “[...] propostas nós temos para a educação, eu fui lá no CPERS e não assinei o documento, exigindo um compromisso de pagar ou resgatar o, o, o... salário, vamos dizer, o... o... como é que se diz?, o... o [...]”. Após uma pausa do candidato, os entrevistadores respondem: “o piso”. Nesse momento, Sartori retoma a palavra e continua: “[...] sim, o piso, eu vou lá no *Tumelero* e compro, e eles te dão um piso melhor, né?![...]”.

Nessa parte da entrevista, todos os presentes começam a rir e Sartori complementa seu discurso: “[...] ali tem piso bom!” [...]. Em seguida, continua “[...] quer dizer o seguinte: quem criou o piso salarial, prometeu que ia fazer e não fez, agora vai chegar no final do ano e o piso salarial dos professores do Rio Grande do Sul vai ser um passivo de 10 bilhões de reais [...]”.

A utilização do signo ideológico “piso” no discurso do candidato possibilitou uma diversidade de enunciados-resposta que revelaram a tensão de vozes com distintos posicionamentos quanto ao acento de valor empregado por Sartori no gênero entrevista política. Tal evento gerou indignação da classe trabalhadora em questão, proporcionou aos candidatos concorrentes o acesso à desconstrução da pressuposta imagem séria e responsável de Sartori, além de causar polêmica entre os eleitores gaúchos.

Sabe-se que o “piso” a que se referiam os professores no evento resgatado pelo candidato dizia respeito ao pagamento do salário nacional do magistério, reivindicação conhecida como “exigência ao pagamento do piso”. Aliás, esse episódio consistia em um dos principais fatores de descontentamento da categoria. O então governador do estado gaúcho, Tarso Genro, esteve às voltas com diversos conflitos desta ordem, uma vez que os professores do RS não recebiam o piso nacional determinado para a categoria. Todavia, quando Sartori afirma “[...] sim, o piso, eu vou lá no *Tumelero* e compro, e eles te dão um piso melhor”, ele está tratando da palavra piso como revestimento, sinônimo de azulejo, lajota ou qualquer acabamento para uma superfície. O nome próprio “*Tumelero*” ratifica esse entendimento, já que faz referência a uma loja de materiais de construção bastante conhecida no estado do RS.

⁴ Assim intitulou-se o gênero porque a motivação social do discurso que se analisa é uma entrevista com um político que concorre às eleições para o cargo de governador.

O enunciado do candidato provocou manifestamente riso em torno da piada criada com o signo “piso” que evocou já-ditos referentes à questão salarial dos professores e também a discursos anteriores, que reconhecem a existência de uma empresa que vende materiais de construção. Em cada uma das situações, são os discursos a elas relacionados que podem ser acessados pelo interlocutor para o entendimento do todo que a situação enunciativa compõe.

Para a teoria bakhtiniana, justamente a identificação desses fios discursivos é o que leva o interlocutor ao reconhecimento das vozes sociais presentes nas ressonâncias dos discursos anteriores contidos no discurso em foco. Quando Sartori relaciona *piso* e *Tumelero* ocorre a construção de sentido que motiva o riso por parte dos presentes. Esse mesmo *riso* deu base para a edificação de sentidos que podem levar ao entendimento de que não é correto um candidato político fazer piada com uma questão problemática como é a do piso dos professores – daí as manifestações contrárias ao candidato.

Em termos bakhtiniano, pode-se dizer que as palavras de Sartori são valoradas por serem enunciadas no gênero discursivo que se poderia denominar entrevista política, cuja circunstância implica um movimento discursivo de construção de imagem. Nesse ato, os signos ideológicos que tramam a fala do político são tanto usados a seu favor quanto contra ele, porque tudo o que ocorre na esfera política – nesse caso via gênero discursivo entrevista política – visa à persuasão.

O contexto enunciativo que envolve a fala do candidato pode ecoar também efeitos de sentido em tom de ironia, haja vista que, depois do momento de riso, quando do jogo de palavras que relaciona *piso* e *Tumelero*, Sartori explica “[...] quer dizer o seguinte: quem criou o piso salarial, prometeu que ia fazer e não fez, agora vai chegar no final do ano e o piso salarial dos professores do RS vai ser um passivo de 10 bilhões de reais [...]”. Assim sendo, seu discurso pode ser entendido como afirmação de que o problema do pagamento do piso dos trabalhadores da área da educação é de responsabilidade de quem se comprometeu com essa pauta. Dessa maneira, o foco da crítica recai sobre o então governador do estado e concorrente seu na disputa eleitoral na época, Tarso Genro – e não exatamente foi uma fala contra a luta dos professores.

Trata-se de um jogo típico do discurso político, tal como aponta Charaudeau (2006, p.23-25), em que há um espaço de persuasão, ou seja, um espaço de ação, que joga com um espaço de discussão. Esses espaços definem as instâncias políticas, buscando manejar argumentos da razão e da paixão. Transpondo para a situação que se analisa agindo por meio da ironia, o candidato pode ter buscado atingir apenas o seu principal concorrente na época, o candidato do PT, Tarso Genro. Se esse era o projeto de dizer do candidato, ele pode não ter considerado que a linguagem reflete e refrata posicionamentos múltiplos e distintos, o que acabou trazendo-lhe problemas com relação à sua imagem, já que a instância cidadã implicada na ação política vislumbrou aspectos negativos no posicionamento de Sartori.

A ironia, tendo em vista o aporte bakhtiniano, apresenta uma pluralidade de vozes em tensão e contradição que só fazem sentido quando o interlocutor reconhece as situações enunciativas em que se encontram os signos ideológicos em questão. Assim, o interlocutor deve ter a atitude responsiva ativa de perceber que a enunciação tem seu sentido completo no presente em que é edificada, junto a toda situação enunciativa, bem como na retomada de questões valorativas anteriores, em discursos outros, que suscitam o contexto em que Tarso comprometeu-se em pagar o piso dos professores – quando ocupava o cargo de governador do estado do Rio Grande do Sul.

Como a linguagem, na perspectiva bakhtiniana, é dialógica, além da relação com discursos anteriores, há a projeção de discursos futuros. A fala de Sartori teve uma repercussão negativa, principalmente, quando esse trecho da entrevista foi usado na campanha eleitoral do candidato concorrente, Tarso Genro. Devido a esse ocorrido, Sartori reagiu às acusações, alegando que sua fala havia sido retirada do contexto maior da entrevista e divulgou uma nota desculpando-se e reforçando seu respeito pelos professores.

Conforme destaca Charaudeau (2006, p. 23, grifos no original), “[...] a palavra política deve se debater entre uma *verdade do dizer* e uma *verdade do fazer*” e nesse jogo entre verdades não se pode desconsiderar os princípios de influência e alteridade típicos do discurso político. Isso porque, na opinião do autor mencionado, é preciso não só considerar um sujeito/alvo/dominado que consinta com o locutor em sua ação por meio da linguagem, ou seja, um sujeito que acredite na verdade contida em seu dizer, mas

também se colocar enquanto um sujeito/autoridade/dominante que honra a verdade do fazer, sem desprezar a importância da natureza da relação *eu/outro*, constituinte de toda a prática linguageira.

Nessa ininterrupta cadeia dialógica de construção de sentidos através da instauração dos discursos, diversos enunciados-resposta emergiram. Com diferentes posicionamentos quanto ao ocorrido, pode-se mencionar aqueles de ampla divulgação na mídia brasileira. Por exemplo, *O Globo*, que publicou “Em vídeo, Sartori recomenda que professores busquem piso em loja de material de construção”; revista *Veja*, com matéria intitulada “Não há limite! Petistas manipulam o vídeo de Sartori sobre piso dos professores”; *O Estadão* que, por sua vez, veiculou matéria intitulada “Candidato do RS sugere que professores peçam piso em loja de materiais de construção”.

Criticando as colocações de Sartori, uma nota oficial dos representantes sindicais do CPERS surgiu como discurso-resposta e também teve repercussão na mídia:

O CPERS/Sindicato manifesta estranheza e preocupação com o modo pelo qual o candidato ao governo do Estado, José Ivo Sartori, tratou o tema do Piso Salarial dos educadores, em entrevista concedida ao portal Terra (20/10/2014). Estivemos mobilizados nos últimos quatro anos para exigir do atual governo o cumprimento da Lei do Piso e seguiremos mobilizados no próximo governo, seja ele qual for. Acreditamos que esse tema não deve ser objeto de chacota ou brincadeiras por conta de quem tem a responsabilidade de propor alternativas para qualificar a nossa educação e valorizar o trabalho dos professores e de todos os trabalhadores em educação [...]

Destaca-se, pois, depois de todo o dito, que o conflito valorativo estabelecido pela tensão de vozes na estória que envolve Sartori ocorreu tendo em vista a utilização do signo ideológico *piso* no gênero discursivo entrevista de campanha política, já que “[...] as estratégias discursivas empregadas pelo político para atrair a simpatia do público dependem de vários fatores” (CHARAUDEAU, 2006, p. 82). Como o gênero discursivo em questão era uma entrevista com um candidato ao governo de um estado, não era esperada uma piada por parte do político, sobretudo no que tange a assuntos que já têm um histórico de já-ditos com tom polêmico, como é a questão do pagamento do piso dos professores no estado gaúcho. Isso porque – em termos bakhtinianos – tem-se um locutor, enunciando para um auditório em uma esfera de atuação específica, em que circula determinado gênero discursivo. Tudo isso vai balizar a atuação discursiva do *eu*, que move o estilo, o conteúdo temático e a forma composicional do gênero discursivo requerido naquela situação de interação social.

Sartori, na posição de candidato, tem como auditório, a princípio, todos os eleitores. Nas entrevistas de campanhas eleitorais, o propósito é que se cativa e convença o máximo de pessoas para aumentar a possibilidade de votos. Também é necessário considerar que tudo o que é entoado em uma situação enunciativa como a de uma entrevista de campanha eleitoral pode ser usado a favor ou contra o locutor do discurso.

Conforme Bakhtin/Volochinov (2009 [1929], p.89), “[...] a palavra é a arena onde se confrontam os valores sociais contraditórios. Os conflitos da língua refletem os conflitos de classe no interior do sistema”. Com base nessas colocações, é possível depreender que a polêmica gerada a partir da fala de Sartori está muito além da polivalência do signo “piso” e relaciona-se com a questão valorativa inerente a todo o signo ideológico e à multiplicidade de vozes e axiologias que evoca, o que só pode ser resgatado e colocado em evidência por uma perspectiva sociológica da linguagem, a qual considera as situações concretas de realização linguística, os locutores e discursos em interação, bem como o necessário e imprescindível resgate do contexto em que os signos emergem.

Nesse sentido, o *horizonte social compartilhado pelos falantes*, isto é, a dimensão social em que foi produzida a enunciação dos participantes, é todo o contexto das eleições para governador no Rio Grande do Sul no ano de 2014⁵. Faz-se necessário, pois, que os interlocutores compreendam o discurso de Sartori nesse âmbito e percebam também que “[...] o discurso político tende mais a incitar a opinião do que argumentar” (CHARAUDEAU, 2006, p. 94).

⁵ Até se poderia ir além e dizer que os discursos anteriores, muitas vezes, têm em vista a projeção de candidatos do partido ou de bases aliadas.

Ainda assim, o *conhecimento* e a *compreensão comum da situação* pode se dar de maneiras distintas: a) os interlocutores têm conhecimento da situação do piso dos professores, mas podem entender que o foco é a crítica ao atual governo do estado gaúcho e, dessa maneira, a compreensão comum é de ironia em relação à crítica que Sartori faz a Tarso, levando a um acento de valor de condenação – ao responsabilizar Tarso; b) os interlocutores reconhecem os discursos anteriores acerca da causa dos professores do RS e se posicionam axiologicamente a favor dessa pauta, assim a compreensão comum é a de que o discurso de Sartori apresenta tom zombeteiro acerca de um problema real, o que acarreta em uma valoração de escárnio ao discurso – como pode ser percebido no discurso-resposta da nota do CPERS. Nessa perspectiva, a *valoração compartilhada* vai estar justamente atrelada ao horizonte social, à compreensão e ao conhecimento comum da situação. Dependendo como se estenda o caso, tem-se um posicionamento.

Na discussão que neste artigo se apresenta, não se debate o uso isolado da palavra *piso* como unidade da língua, nem seu significado do ponto de vista do sistema, senão o signo ideológico *piso* em um enunciado acabado, com um *sentido concreto*, que se refere a uma dada realidade “[...] concreta em condições igualmente reais de comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2011 [1952], p. 291). Assim sendo, é que se pode depreender as tensões que emergem, bem como perceber as atitudes responsivas, de concordância e discordância, a elas dirigidas. É também sob esse entendimento que se nota as tonalidades desses discursos porque a entonação avaliativa pertence ao enunciado (BAKHTIN, 2011 [1952], p. 291).

Com efeito, o signo ideológico *piso* foi retirado de enunciados outros, que convinham a Sartori pelo tema. Esse comportamento corresponde ao gênero discursivo entrevista política, em que justamente é recorrente acessar discursos alheios para ratificar opiniões do candidato que enuncia ou critica enunciados de seus concorrentes para, igualmente, elevar seu posicionamento. Nas palavras de Bakhtin (2011 [1952] p. 291-299), no enunciado (nos gêneros discursivos), os signos ideológicos formam seus sentidos no discurso como um todo, haja vista que correspondem a situações típicas de interação discursiva em sua realidade concreta, tornando-se únicos na relação com os discursos que o antecedem e o sucedem. Eis, portanto, o entendimento de que o enunciado é um elo na trama discursiva:

Os enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmos; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros [...]. Cada enunciado é pleno de ecos e de ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo. (BAKHTIN, 2011 [1952], p. 297).

A noção de elo é imprescindível para compreender a própria valoração que tonaliza a polêmica em torno do discurso de Sartori. No caso analisado, o signo ideológico *piso*, no enunciado em que aparece, e a partir das relações dialógicas que contém em si: a) o pagamento do salário nacional fixado; e b) o revestimento, material de construção – está voltado para o tópico da entrevista porque se refere a um argumento do candidato sobre as perguntas que os jornalistas fizeram acerca de suas propostas para a educação, bem como para os discursos que se relacionam à batalha da campanha eleitoral que, mediante a desconstrução de seus opositores, objetiva dar visibilidade ao candidato que enuncia.

Como o gênero discursivo sempre é direcionado para o outro, e cada gênero do discurso tem sua construção típica de destinatário dependendo da esfera de comunicação (BAKHTIN 2011 [1952], p. 301), o estilo de construção do todo, mas também o estilo individual, vão desenhar-se baseados na projeção desse destinatário. Aqui, não se confunde destinatário com uma pessoa propriamente, mas um auditório típico presumido – que, no caso de Sartori, são todos os eleitores em potencial, já que ele falava em uma entrevista como candidato em campanha eleitoral.

Nesse sentido, a tensão entre a fala de Sartori, as manchetes e as notas que foram apresentadas dá-se porque cada qual tenta colocar a situação no âmbito de seu interesse: Sartori usa o exemplo do piso (e o trocadilho feito por ele mesmo) contra seu opositor, Tarso Genro; Tarso Genro usa a declaração de Sartori como deboche, colocando-o contra a classe dos professores; os professores, por sua vez, acusam o candidato de inadequação discursiva frente à situação do pagamento de salários da classe (“O CPERS/Sindicato manifesta estranheza e preocupação com o modo pelo qual o candidato ao governo do Estado, José Ivo Sartori, tratou o tema do Piso Salarial dos educadores [...]”), quem sabe no intuito de apontar que ele não seria um governante oportuno; as revistas usam

esses fatos sociais como forma de se aproximar de seu público-alvo por meio das manchetes – como é o caso da manchete da *Veja* que veicula discurso contra o partido dos trabalhadores e, nas entrelinhas, contra Tarso Genro candidato do partido do PT (“Não há limite! Petistas manipulam o vídeo de Sartori sobre piso dos professores”). Conforme destaca Charaudeau (2006, p.95):

Sabe-se que o político que quer chegar ao poder ou nele manter-se necessita de um consenso majoritário junto à opinião pública. Ora, é raro que esse consenso, salvo em alguns casos particulares, seja homogêneo. A opinião majoritária que o constitui é na maior parte do tempo o resultado de um compromisso entre opiniões diversas em torno de valores circunstancialmente dominantes.

Daí decorre a importância de estar atento às questões da linguagem, aos estudos do discurso, sobretudo na esfera política, para que o importante processo de produção de sentidos não passe despercebido e, com ele, as questões de instauração do poder tão características da linguagem, conforme foi possível observar. Ademais, frente às discussões propostas, torna-se oportuno mencionar que o gênero político pode constituir interessante trabalho em sala de aula porque trabalha o pensamento crítico; demonstra que mais do que tomar partido em uma situação de polêmica como essa, é necessário saber observar os fatos e construir uma opinião entrelaçada em argumentos advindos de uma análise que contemple os diferentes ângulos que compõem os discursos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender a linguagem em uso, vinculada às questões sociais e em relação constitutiva com seu contexto enunciativo, é tarefa postulada pelos princípios teóricos e metodológicos de Bakhtin e seu Círculo, a qual muito se aproxima dos pressupostos de Charaudeau, quando este último considera principalmente aspectos envolvidos no processo de produção e circulação do discurso político. Desse modo, procurou-se, por meio do estudo realizado, oportunizar maior compreensão de alguns dos conceitos das teorias em questão – quando se repousou o olhar sobre um objeto específico, como o descrito nas análises.

Nas teorias apresentadas, a linguagem em uso é encontrada na enunciação viva e concreta, carregada de acentos de valor imbricados nos mais diferenciados gêneros discursivos, editados em distintas esferas de interação social. O objetivo geral deste trabalho, pois, consistiu em apresentar uma análise do signo ideológico *piso* no contexto da fala de Sartori, e refletir acerca da sua repercussão em enunciados-resposta, visando a compreender aspectos da produção, circulação e recepção desse discurso.

Isso possibilitou a análise de enunciados reais, compreendidos a partir de outros aspectos que não exclusivamente gramaticais ou linguísticos, mas sob uma óptica dialógica, discursiva, ideológica. Faz-se tal afirmação porque um enunciado não se encerra em si mesmo; ao contrário, dialoga com outros que o circundam. Justamente essa questão é o que permite compreender este trabalho como uma contribuição para as reflexões discursivas dos estudos da linguagem.

Almeja-se, com este estudo, manter viva a cadeia dialógica sobre os estudos discursivos, principalmente os que versam a respeito do discurso político, buscando melhor compreender as múltiplas e distintas maneiras pelas quais os sentidos são instauradas na linguagem. Ademais, espera-se que, com as discussões levantadas, esteja-se contribuindo para destacar a importância de estudar e compreender a linguagem vinculada à sociedade em que os gêneros discursivos emergem e, conseqüentemente, ratificar a relevância desses estudos para a compreensão das relações sociais.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M./VOLOCHÍNOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Laud e Yara Frateschi. São Paulo: Hucitec, 2009 [1929].

_____. Os gêneros do discurso [1952] In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p.260-306.

BAKHTIN, M./VOLOCHÍNOV, V. N. O discurso na poesia e o discurso no romance. In: BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 6 ed. Trad. Aurora Bernardini et al. São Paulo: Hucitec, 2010 [1975]. p.85-106.

CHARAUDEAU, P. *Discurso político*. Trad. Fabiana Komesu e Dilson da Cruz. São Paulo: Contexto, 2006.

FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2008.

DI FANTI, M. da G. C. Discurso. In: FLÔRES, Valdir do Nascimento et al. *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 80.

SOBRAL, A. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Mercado das Letras, 2009.

VOLOCHÍNOV, V. [Mikhail Bakhtin]. A palavra na vida e na poesia introdução ao problema da poética sociológica. In: _____. *Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação*. Trad. Allan Pugliese et al. São Carlos: Pedro e João Editores, 2011 [1926]. p. 147-181.

EM VÍDEO, Sartori recomenda que professores busquem piso em loja de material de construção. *O Globo*. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/em-video-sartori-recomenda-que-professores-busquem-piso-em-loja-de-material-de-construcao-14310901>>. Acesso em: 18 mar. 2015.

NÃO HÁ LIMITE! Petistas manipulam o vídeo de Sartori sobre piso dos professores. *Veja*. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/blog/felipe-moura-brasil/2014/10/20/nao-ha-limites-petistas-manipulam-video-de-sartori-sobre-piso-dos-professores/>>. Acesso em: 18 mar. 2015.

CANDIDATO do RS sugere que professores peçam piso em loja de materiais de construção. *O Estadão*. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,candidato-no-rs-sugere-que-professores-pecam-o-piso-em-loja-de-material-de-construcao,1580221>>. Acesso em: 18 mar. 2015.

Recebido em 01/08/2016. Aceito em 06/02/2017.